



Plantas companheiras de escrita: des-bordando o Antropoceno

Susana O. Dias [1]

Emanuely Miranda [2]

Larissa de Souza Bellini [3]

Mariana Vilela Leitão [4]

Rayane Barbosa [5]

Paulinha Luiz Pinto [6]

Milena Bachir Alves [7]

Natália Aranha de Azevedo [8]

Joana Pedrassoli Salles [9]

RESUMO: O que podem as plantas como companhias de escrita diante do Antropoceno? Alinhadas ao conceito de “espécies companheiras” de Donna Haraway, ensaiamos pensar o que há de vegetal emaranhado aos materiais de pesquisa: filme, romance, livro-objeto, estudos filosóficos, históricos e antropológicos. As plantas nos convocaram a multiplicar os sentidos do tempo presente, a interrogar as lógicas antropocêntricas dominantes na escrita e a experimentar um novo tempo, o Plantroposceno.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos multiespécies. Plantas. Escrita. Antropoceno.

Writing companion plants: de-bording the Anthropocene

ABSTRACT: We seek to think about what plants can do as writing companies in the face of the Anthropocene. We align ourselves with Donna Haraway's concept of “companion species” and try to think about what is entangled in the research materials (film, novel, subject-book and



philosophical, historical and anthropological studies). The plants summoned us to multiply the meanings of the present time, to question the dominant anthropocentric logics in writing and to experience a new time, the Planthroposcene.

KEYWORDS: Multispecies studies. Plants. Writing. Anthropoceno.

Escuta-se o sopro triste e agonizante da flauta que vem do meio da escuridão. Vê-se um pedaço de terra vermelha, desamparada, inerte, sem vegetação alguma. Sob ela um tufo de cabelos preso a um pequeno pedaço de tecido branco. O vento vira o pano e revela a palavra "desterro" bordada. Seguem imagens muito rentes ao chão que percorrem uma terra estéril, que mostram os tocos que restaram das plantas arrancadas. A monocultura rasga em sons o nosso corpo. Mulher e terra estão sós, inférteis, buscam onde e como. Este tempo as castigou e as empobreceu. Uma corre por cima da outra, com a pressa de quem vive agora e morre aos poucos. Buscando um norte? Perderam-se e procuram-se. Só se acharão quando se tocarem e sentirem que são feitas da mesma matéria, da mesma luta, da mesma glória.

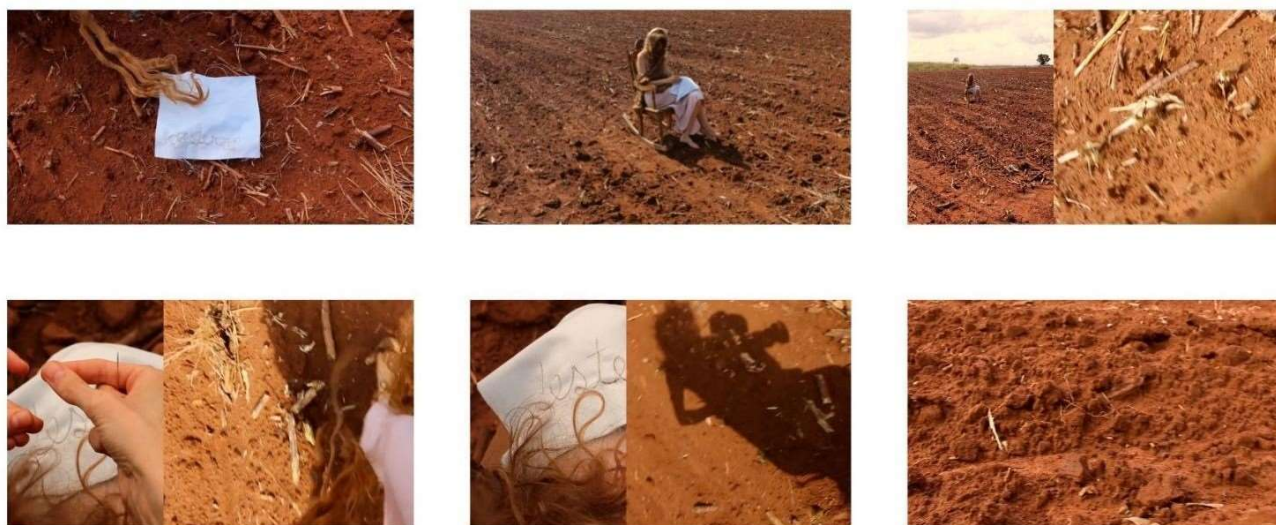
A corrida agora fica nos dois terços à direita da tela, enquanto, no outro terço, a mesma mulher vestida de branco borda sentada numa cadeira de madeira em um terreno com uma terra vazia. Mãos bordam num movimento acelerado e repetitivo. Solidão? Atravessamentos? A mulher segue atravessando o tecido, enquanto nuvens no céu despencam sobre o tempo da devastação. Mulher e terra sentem juntas no agora as manifestações do ambiente ao qual estão expostas.

Em um segundo plano surgem pés no chão e aumenta a sensação de vertigem, seca e calor. A tomada simultânea divide-se numa vista de cima, em primeira pessoa. Pés que correm trôpegos e sem rumo em uma terra nua. Num sopro sombrio mãos e pés, ainda em imagem simultânea, trazem gestos atordoantes. Mãos a bordar o assombro da ausência, pés a correr em um deserto sem fim, sem começo, tornando perceptível um corpo arado, um rastro de morte.

O filme "Desterro" foi feito pela artista Mariana Vilela em abril de 2020, quando o campo lavrado em frente à sua casa convocava um forte pensamento em torno da pandemia, da violenta experiência de morte e solidão que fomos obrigados a enfrentar e da necropolítica em curso com o governo atual. Mariana acompanhava a rotação de culturas de sua casa: primeiro a mandioca, depois a aveia, o milho... Um sistema que submete as plantas a uma espécie de experiência



pandêmica. Elas não podem conviver umas com as outras, nem se associar a uma diversidade de seres. Como disse a líder indígena Célia Xakriabá, na live *Antropoceno e Ancestralidade*: “Toda monocultura mata: mata o território, mata o nosso pensar, mata o nosso olhar, mata a escuta, mata o nosso alimento” (2020, sp.). Muito diferente é o que propõem os povos originários, que vivem com as florestas em pé, ou nos sistemas agroflorestais, onde o desafio é o de criar modos de viver junto em que se aprendem com as próprias plantas, animais, fungos, rios..., onde múltiplas e complexas cooperações e coevoluções definem os modos de existir.



Crédito da imagem: Mariana Vilela

No filme *Desterro*, a artista borda com seus próprios cabelos um pedaço de tecido de algodão. Em uma escrita-bordada entre reinos, ela conecta fios animais com fios vegetais, dando a sentir como a sociedade está emaranhada em sua própria produção, demasiado humana e sufocante, que marca o Antropoceno. Este é um dos modos como o nosso tempo tem sido nomeado. Embora não seja um nome já aprovado para designar uma nova era, em substituição ao Holoceno, é um nome que movimenta pensamentos sobre o tempo que vivemos. Um nome que recebe diferentes interpretações e que produz assim distintos sentidos políticos para o nosso presente. Com Mariana podemos pensar que esse tempo também pode se chamar “Desterro” e que o gesto de nomear esta era não é apenas uma denúncia das catástrofes em curso, mas é um modo de aprender a dar atenção ao nosso tempo, de aprender a perceber e narrar esse tempo a partir de novas matrizes perceptivas, não habituais, não monoculturais.

Nesta pesquisa queremos aprender a des-bordar o Antropoceno com as plantas e transformá-las em efetivas companhias de escrita. Para isso, buscamos tecer alianças com o conceito de “espécies



companheiras” da zoóloga e filósofa Donna Haraway (2016, 2019, 2021). Essa é uma categoria filosófica que inclui, para ela, desde cães, a abelhas e tulipas à flora intestinal e muitos outros, e que diz respeito a cocriações multiespécies. Trata-se sempre de pensar que uma espécie é significativa, interessante e necessária para a vida da outra e vice-versa. Não é, portanto, uma questão apenas de pensamento, mas de um viver junto.

Trabalhar com o conceito de “espécies companheiras” é um modo como Haraway encontra de problematizar a própria escrita. Ela propõe narrar “transfecções” (Haraway, 2021, p.9) entre humanos e mais que humanos, artes e ciências, naturezas e culturas. Não escreve para e por um Humano, uma Natureza, uma Cultura, uma Arte e uma Ciência já existentes, dados e acabados, mas para e por humanos-naturezas-culturas-artes-ciências porvir. Arrisca-se a contar histórias complexas de enredamentos, parcerias, trocas, contágios entre carne e signo (2016, 2019, 2021). Trabalha para proliferar conhecimentos e práticas comprometidos com a vida através de palavras e imagens. Para Haraway, as histórias importam porque alteram os mundos, não são meras representações de mundos que estariam fora delas (2016, 2019, 2021). Ela não apenas discorre sobre a potência das histórias, mas as experimenta desde dentro da escrita filosófica. Para tornar os mais que humanos companheiros de escrita, se utiliza de metáforas, ironias, metonímias, ou seja, se propõe a habitar e escrever “um tropo” (2019), onde toda língua desvia e tropeça.

Com Haraway nos perguntamos: como levar a sério na escrita a relação entre humanos e plantas e quais as consequências desse movimento para pensar com o Antropoceno? Como contar histórias de simbioses, coabitações, coevoluções, em que não operam sujeitos e objetos pré-constituídos, monoculturas, e oposições entre naturezas e culturas, mas arranjos complexos se montando e desmontando a todo tempo? Como nutrir narrativas comprometidas em dar atenção, ao mesmo tempo, às diferenças e ao que podem juntos palavras, imagens, humanos e plantas em meio às ruínas do capitalismo?

Para fazer esta escrita, nos reunimos todas as semanas durante três meses em uma terra-tela comum a muitas mãos - de meninas, mulheres, professoras, artistas, pesquisadoras, estudantes indígenas - e muitos pés - de dendê, erva mate, hortelã, boldo, açaí, camomila, girassol, goiaba... Ora essa terra-tela era um pequeno vaso, ora um jardim, ora um canteiro imenso de agrofloresta, onde ensaiamos o plantio das pequenas sementes que coletamos a partir dos encontros individuais com os materiais. Sentimos as sementes como aglomerados de linhas e forças que pediam para seguir proliferando vida nova. Fomos aprendendo juntas a perceber o que tem força de semente e a sentir o que poderia fazer com que uma ideia, um conceito, pudesse pegar de novo, em outra



terra, em novas costuras, composições e emoções. Ampliamos, assim, as buscas do nosso grupo de pesquisa, o multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq), que se interessa em pensar as consequências da “virada vegetal” (Coccia, 2018) para o pensamento na linha de pesquisa “Arte, literatura e comunicação”, no campo da divulgação científica e cultural em que atuamos no Labjor-Unicamp.

—

Era domingo de manhã, me pus de pé depressa, sabia que durante a tarde iria encontrá-la. Por volta das quinze horas, quando o sol ia baixando, meu avô e eu nos arrumávamos para sair. De boné e tênis (às vezes, por teimosia, de chinelos), saíamos em direção ao parque onde íamos quase todos os domingos. O parque era o destino pensado, mas o caminho todo nos divertia. Andávamos e de súbito, lá estava ela, no mesmo lugar de sempre: a goiabeira amiga que me permitia subir nela todas as semanas. Nos encontrávamos e ficávamos juntas sendo observadas pelos olhos cuidadosos de meu avô. Me sentia muito segura ali, uma brincadeira que me transportava para diversos lugares. Não era uma goiabeira qualquer: a parte da frente tinha um apoio no qual meu pé se encaixava e galhos que a mão alcançava, que me davam o suporte para tirar os pés do chão. De um lado da árvore, um lugar onde conseguia me pendurar pelas pernas, de cabeça para baixo, com um apoio de outro galho paralelo que prendia a ponta dos pés, travava-os e não permitia que eu caísse. Também conseguia me pendurar com as mãos no mesmo galho e os pés balançando no ar, para pular no chão. Do outro lado da árvore, desde o topo, havia um conjunto de galhos e folhas que desciam em diagonal, formando assim um tipo peculiar de escorregador, onde eu subia por um lado e descia pelo outro de cócoras. A goiabeira era um parque de diversões inteiro.

—



Crédito da imagem: Rayane Barbosa

Sentada embaixo de uma grande árvore, permito-me visitar as memórias ancestrais. A preparação do tereré, feito com erva mate e às vezes misturado a outras ervas como o boldo e hortelã, me faz mergulhar dentro de um sonho, um sonho que acontece bem distante, no meio da floresta, dentro de uma casa de reza (Oca). O amor pela cultura Terena é o gatilho para (re)viver minha avó, mulher que carregava a sabedoria de uma anciã Terena. A maior parte da bagagem que carregou foi ela que compartilhou comigo, quando sentávamos juntas para saborear o nosso sagrado tereré de todo dia. No final de cada tarde, o tereré me faz sonhar, um sonho de regressar para meu lugar. O caminho para casa é longo, mas no fim a conexão com o tereré me faz mergulhar em minhas raízes, minha ancestralidade. As plantas que usamos para o preparo da nossa medicina e infusões são carregadas de espíritos curandeiros, são eles que dão energia o suficiente para estabelecer a cura



entre o corpo e o espírito. Um dos pilares principais é acreditar na força dos encantados e acreditar na força da cura ancestral. Minha avó me ensinou que no início da preparação do tereré é um momento de atenção e concentração, é um ritual de silenciar a mente e o espírito, para que possamos nos conectar com os espíritos que compõem o tereré. Com o avanço do capitalismo e a soberba ganância do homem, nosso tereré tornou-se facilmente encontrado em prateleiras em diversos pontos comerciais. Muitos perderam o respeito pelo sagrado e, perdendo esse respeito, perderam o respeito consigo mesmos, pois o sagrado habita na profundidade do nosso ser e tem o lugar e hora certa para ser praticado. Ouvir a floresta é algo que deve ser praticado, pois seus espíritos pulsam de dia e de noite, cantam seus saberes e nos revelam sua força e poder. Minha avózinha, que hoje é uma árvore, me ensina a cada amanhecer a importância de ouvir e viver o sagrado da floresta que ecoa dentro de mim.

—

Foi debaixo de tua sombra que conheci a morte, bem ali no meu quintal. Ela me olhou com olhos doces de acerola e prometeu que a vida voltaria na próxima estação. Fruto caído sobre a terra vira um com ela. Não há nada que morra para sempre.

Des-fiando o Antropoceno: era geológica, sistema de governo, evento-limite...

O primeiro chamado que as plantas colocaram para a escrita deste texto foi o de termos que situar a pesquisa no tempo presente: o Antropoceno. Isso porque os vegetais sabem o que é estar efetivamente conectados a esta terra/Terra. As plantas, como lembra Coccia (2018), não se separam do meio em que vivem e convocam uma intensa percepção de que precisamos fazer corpo com tudo que está à volta e temos que pensar desde dentro do mundo danificado em que vivemos. Se antes as cronologias humanas eram insignificantes quando comparadas às cronologias da Terra, hoje os humanos se tornaram “agentes geológicos” ao cortarem árvores, investirem em larga escala no uso de combustíveis fósseis, monoculturas, criação intensiva de animais e produzirem preocupantes impactos antropogênicos no clima do planeta. Para o historiador indiano Dipesh Chakrabarty, o que marca o Antropoceno é o fato dos “humanos agora exercerem uma força geológica” na Terra (2009, p. 09). Ele ressalta que levamos quase 100 anos para começar a ter discussões conscientes, só ouvimos os sinais da natureza quando as advertências se tornaram sinistras.

Chakrabarty busca pensar como a escrita da história se torna capaz de perceber essas mudanças e



como incorpora novos problemas. Um dos impactos das mudanças climáticas na história, diz ele, é o de pôr fim à distinção humanista entre história natural e história humana, onde se enxergava a natureza como um mero pano de fundo inerte, onde os humanos viviam e as coisas aconteciam. Nos dá a ver, assim, o funcionamento da grande máquina de costura da História e as percepções e sentidos automatizados que gerou.

Trazendo a obra ficcional de Alan Weisman, *O mundo sem nós* (2007), Chakrabarty propõe imaginar um mundo futuro em que a raça humana se extinguiu. O autor põe em jogo o problema do “nós”: “Quem é o nós?” (Chakrabarty, 2009, p.21). O Antropoceno emerge para o historiador como uma chance de problematização da “nossa” condição de humanidade, uma condição marcada pela exclusão, separação e negação da existência com muitos outros seres-coisas-forças-mundos; e, também, a chance de pensar na sensação compartilhada de catástrofe que atinge a todos. Ele tende a refutar o uso de “espécie humana” para amarrar esse “nós”, já que isso homogeneiza, como se todos os humanos fossem responsáveis pelo aquecimento global. Ele se preocupa com quem sofrerá primeiro o impacto das alterações planetárias, os mais pobres, se as desigualdades do capitalismo persistirem e se seus interesses e necessidades forem menosprezados.

Sentimos que a pergunta pelo “nós” é uma pergunta das plantas. São elas que, insistentemente, se perguntam com seus corpos, modos de existir e processos vitais dos quais participam, sobre como criar um nós. As florestas são expressões de uma experimentação constante das plantas desse nós. São a manifestação de um enraizamento coletivo que costura céus e terras e que têm consequências alegres e significativas para todo planeta. E a perspectiva de uma floresta sem humanos é demasiado branca, ocidental e moderna. As florestas tropicais foram constituídas na relação com muitos povos originários que sempre viveram junto com plantas e que tinham, inclusive, um importante papel de semeadores e polinizadores.

As plantas nos fazem pensar que o Antropoceno não é apenas uma “era geológica”, mas um problema de “monocultura civilizacional”, um “sistema de governo”, como define a filósofa Juliana Fausto (2014, p. 3). Um sistema que promove escravidão, desaparecimento e morte de inúmeras espécies: “o massacre de populações sub-humanas e não humanas é sua moeda corrente” (Fausto, 2014, p.2). Fazendo entrar os animais na agulha dos “desaparecidos políticos”, a autora coloca a sexta grande extinção e a redução de biodiversidade como uma das linhas mais fortes do Antropoceno. Ela coleta um trecho do romance de Éric Chevillard, *Sem o orangotango*, quando este descreve a morte do último animal desse povo e nos apresenta como a cada extinção, na transformação dos animais em fósseis, em pedras, uma parte da realidade se perde, colapsa e o



mundo encolhe. O mundo é reduzido ao serem desconsiderados e eliminados pontos de vistas dos outros seres que também o habitam. O Antropoceno mostra-se, assim, como a produção de fins de mundos. Um tempo “terrivelmente eficaz em fazer entrar neste mundo aquele da ficção científica” (Fausto, 2014, p.6), como na obra de Philip K. Dick, *Androids sonham com ovelhas elétricas?*, que revela a extrema desconexão entre humanos e não humanos que marca as políticas desenvolvimentistas e modernas. Juliana, com seu esforço de pensar com ratos, peixes, dinossauros... indissociáveis das culturas, nos convoca a reparar nos modos como os humanos narram as relações com as plantas. Há, por exemplo, uma forte naturalização da violência contra as plantas, não nos referimos a elas em termos de assassinatos, mutilações, migrações forçadas, desprezos, isolamentos, ignorâncias e hierarquias. Há, expresso em muitos modos de dizer e fazer, uma dificuldade de acessar o bicho que somos e escutar as plantas, ao mesmo tempo, em suas alteridades radicais e como partes de nós. Aprendemos, com Célia Xakriabá, que é preciso desconfiar desses movimentos: “nós desconfiamos de uma humanidade que não sabe ser terra, de uma humanidade que não sabe ser rio, desconfiamos de uma humanidade que não sabe ser semente. Só sabe ser semente, só sabe ser fruta, aquele que sabe ser bicho” (2018).

Diante do Antropoceno, Juliana Fausto não cria um “nós” apaziguador, uma humanidade homogênea, e traz como há quem sonhe de outro modo, há quem faça outros mundos, como os maxacali ou tikmu’un, como eles mesmos se nomeiam. Indígenas que habitam uma pequenina terra de cinco mil hectares do que um dia foi a exuberante Mata Atlântica e que são vítimas do Antropoceno, mas que agem sobre o entorno desértico, onde é abundante um capim chamado, ironicamente, de capim-colonião, e se põem a plantar, cuidar e interagir com as plantas e animais. Para os tikmu’un o problema dos brancos é que eles “não diferem, não trocam, não esperam, não conversam” uns com os outros e com o meio que habitam (Fausto, 2014, p.10).

Se os encontros com Dipesh Chakrabarty e Juliana Fausto multiplicam os sentidos do Antropoceno, com a filósofa e zoóloga Donna Haraway somos convocadas a pensar em que outros nomes a nossa era poderia ter e avaliar a potência política de cada gesto de nomear: “... penso que mais do que um grande nome, na verdade, é preciso pensar num novo e potente nome” (2016, p.14). Ela nos faz entrar em contato com outras denominações: Capitaloceno, que coloca em cena a necessária crítica ao capitalismo; e Plantationoceno, que expressa o horror oriundo das *plantations*, fazendas de monoculturas baseadas em trabalho escravo e alienado.

Para Haraway, o Antropoceno não seria um bom nome para nossa era, ele seria mais um “evento-limite”, como a fronteira K-Pg entre o Cretáceo e o Paleoceno: “Talvez a indignação merecedora de



um nome como Antropoceno seja a da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres” (Haraway, 2016, p.140). Ela defende que precisamos de um nome para as destruições de todos os tipos que apontam para uma decadência sistêmica, que vai desde a perda da biodiversidade até a fragilidade de nossos relacionamentos, enfraquecidos pelas dinâmicas de poder que causam genocídios de gentes e seres. A nossa época deveria, para Haraway, ter o nome das tarefas que temos pela frente: contar outras histórias, reconstituir os refúgios, revigorar modos de viver juntos afirmativos e fazer com que o Antropoceno seja o mais curto possível. Por isso ela propõe que o nosso tempo seja chamado de Cthuluceno, que é derivado do grego *khthonios* e que significa "da terra". Um nome que abraça uma “miríade de entidades em arranjos intra-ativos, incluindo mais-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmus (*human-as-humus*)” (2016, p.140), uma multiplicidade viva que o escritor H. P. Lovecraft não foi capaz de abraçar no conto de ficção científica *O chamado de Cthulhu* (2016).

Com Haraway, somos convocadas a pensar na necessidade de bordar uma transição: do Antropoceno à idade da Terra. E essa transição é também uma tarefa colocada para a escrita, que assume com esta filósofa uma qualidade especulativa e fabuladora. Sua escrita convoca a necessidade de aprendermos a urdir um testemunho do nosso tempo que alinhava, simultaneamente, o que aconteceu, o que acontece e o que pode acontecer. Uma escrita que experimenta a ficção e que está “sujeita a nos mostrar algo que ainda não sabemos ser verdade, mas que saberemos” (Haraway, 2021, p. 27). Aprendermos com Haraway que escrever envolve um necessário corpo a corpo com o mundo, que escrever é um ato de compostagem que visa agro-florestar a vida que ainda resta, que escrever é um caso de captar devires e de dar atenção às potências políticas de palavras e imagens para além do humano.

Quando Haraway fala que “com intenso compromisso e trabalho colaborativo com outros terranos será possível florescer arranjos multiespécies ricos” (2016, p.140), esse “florescer” é literal e rigoroso. Diz respeito a uma aliança que ela tece com as plantas na escrita para dar a ver a potência dos encontros entre heterogêneos, para dar vida à ideia das flores contra o poder... Contra o poder, apenas a reunião de forças pode operar, o gesto de abraçar aquilo que repelimos com as ações antrópicas: a diversidade das espécies e as companhias entre.

—

Antes de deitar arrumei a bagunça que deixei ao entrar e sair durante a semana do pequeno apartamento na Liberdade. Onde estou? Na cidade, onde a maioria dos humanos está. Preparei um



chá de camomila bem forte e quente. Tomei. Adormeci. Meu corpo acordou do sonho da noite, um pouco ciborgue, um pouco planta, um pouco bicho-inseto, pouco humano, uma força vibrante. Sinto como se tivesse sofrido uma metamorfose. A pandemia tem atravessado o meu corpo de muitas maneiras, mas é a noite, nos sonhos, que o corpo é capaz de ir para outras dimensões, como as plantas fazem e nos ensinam há muito tempo. Revelações, avisos e pedidos de ajuda. Os sonhos não têm sido acalentadores. Lembro que a camomila me acompanha desde que eu era menina. Menstruei aos dez anos. Naquele dia, queria continuar a brincar, mas minha mãe levava a sério o poder do chá; “tome tudo, você vai ver como a dor vai passar. Vai relaxar e vai adormecer”. Fecho os olhos, ao primeiro gole que escorre pela garganta, é como um gesto de fé, de confiança. Escuto minha mãe sussurrar a mesma frase. Poderosa camomila, o gosto concentrado inundando minha boca, sensação acalentadora aquece por dentro e por fora, abraça o corpo em dias intransponíveis. Penso o que seria de mim sem a sua presença. Você foi nomeada pela ciência de Matricaria. Quão potente é seu nome. O aroma, o sabor e seus efeitos, são que nem as mães “calmantes”. Sua existência conecta diversas dimensões, ajuda a lidar com as dores que nós humanos produzimos na terra/ Terra. Ajuda a limpar do corpo-pensamento os afetos tristes, produzidos pelo capitalismo, e convoca a re-aprender, re-florestar alianças vivíveis com o nosso próprio corpo e com todos os corpos.

—

Acordei muito cedo hoje. Às 5 horas já estava de pé, de banho tomado e vestida de branco. Separei os vidros de dendê, as castanhas, o amendoim, os tomates, as cebolas, os pimentões, o alho, a cebolinha, o coentro, a salsa e o frango. Coloquei tudo em cima do balcão da cozinha como se fosse um altar. Adoro ver as cores de todos esses alimentos reunidos. Os primeiros pratos a cozinhar são sempre com o feijão fradinho. Coloquei na panela de pressão o feijão fradinho e temperei levemente com dendê, cebola, alho, coentro e sal. No dia anterior, também coloco outra quantidade de feijão fradinho de molho e no dia da festa de Ibeji só bato no liquidificador com a cebola, sal e um pouco de água. Quase na hora da festa eu frito os bolinhos no azeite de dendê e sirvo bem quentinhos. Hoje percebi como essa festa tem tanta relação com os dendezeiros. Cortando a cebola, pensava na presença do dendê em quase todos os pratos que faço: feijão fradinho, caruru, vatapá, acarajé, xinxin, farofa. Pratos que aprendi a fazer em Salvador e que ofereço para os orixás gêmeos e para as pessoas, todos os anos, há mais de 20 anos. Conheci essa festa quando criança em Salvador e minha conexão e paixão por ela foi imediata. O dendê também



aparece em vários pratos feitos em Angola, onde nasci. É uma árvore que me conecta aos meus ancestrais e às histórias que vivi no longo tempo que morei na Bahia. Sinto que o dendê corre em minhas veias. É triste pensar que a relação com essa árvore se dá quase que exclusivamente através do azeite industrializado produzido, em sua maioria, em monoculturas que têm ajudado a acelerar a destruição das florestas. Tive poucas chances de convívio com essa palmeira, uma delas foi na cozinha da mãe Julia. O perfume, a cor e o sabor do azeite de dendê tirado na hora direto dos frutos alaranjados é incomparável. Em Salvador sempre escutei se falar da diferença de um corpo forjado no dendê. Dizer que algo tem dendê, um corpo ou uma escrita, por exemplo, é dizer que tem gingado, swing, malemolência, ritmo. Interessante pensar como o dendê pode afetar o corpo do escritor, o corpo da escrita. O dendê me faz lembrar de outra palmeira, cujas sementes (ikins) participam do jogo divinatório ou oracular de Ifá. Essas sementes nos conectam às histórias antigas vividas pelos orixás, estabelecem relações interdimensionais e abrem possibilidades de avaliação da vida e da morte implicada em nossos gestos e histórias... A manhã passou rápida povoada por esses pensamentos.

—

No dia da festa do açaí do meu povo, os Ticuna, acordo bem cedo, vejo o sol nascendo, vou para o rio Solimões, pulo no rio e mergulho longe, onde meus pés não conseguem mais alcançar a terra. Depois vou para casa e me arrumo para ajudar meus pais no preparo do açaí. Enquanto meus irmãos estão subindo no pé do açaí, eu e minha irmã, estamos debulhando o açaí, ao passo que minha mãe segue atiçando o fogo, para colocar a panela de água e colocar no açaí, para ficar mole e depois fazer o vinho. O plantio do açaí fica atrás da minha casa. Debaixo do açaí tem várias caixas de abelha sem ferrão e também pés de goiaba, manga, cupuaçu, abiu, ingá, marí, e outras plantas frutíferas. Tem, também, uma árvore muito grande que se chama cedro. O açaí é uma fonte de renda para várias famílias em nossa aldeia. Mas não é só a renda que nos conecta ao açaí... Nos dias quentes eu pego minha rede e amarro nos troncos de açaí e fico embalando, escutando a voz dos passarinhos, olhando as formigas carregando as folhinhas, admirando as abelhas, escutando o seu barulho e roendo caroço de açaí com farinha e bebendo vinho de açaí com farinha amarela e branca...

Plantroposceno: simbioses vegetais

A noção de Plantroposceno, cunhada por Natasha Myers (2017, 2021), propõe reativar a nossa conexão com as plantas nomeando a nossa era a partir da relação com essas poderosas aliadas.



Para essa autora, nomear é dar a ver essa potência que as plantas têm de criar mundos habitáveis. As plantas são as principais responsáveis por reunir todos os seres, elas compõem, expiram, decompõem, alteram drasticamente, transformam e criam mundos plenos de possibilidades para muitos. Todos os organismos e épocas do planeta, que passaram por seus ciclos, sempre estiveram nos ritmos das plantas. Viver no Plantroposceno é nunca esquecer que não somos “um”, é assumir que existem outras forças entre nós, é abrir espaços, conhecer e apoiar novos mundos, criar novas cenas, de forma que nos sintamos capazes

de aprender a nos sintonizarmos com as plantas, seus tempos e ritmos. O Plantroposceno, para Natasha Myers, é uma invenção afirmativa, um enraizamento para romper com a lógica antropocêntrica, uma aliança com os seres verdes para formação de uma “conspiração de respiradores” (Myers, 2021, p. 5).

Natasha apresenta como as plantas atraem ecologias inteiras de outras criaturas para participarem de seus cuidados e de sua propagação. “Elas têm *know-how* para arrastar outros a serviço de seus ritmos, suas artimanhas e desejos” e as “pessoas são os seres mais bem equipados para responderem aos seus desejos” (Myers, 2017, p. 01). Ela se interessa por pensar que tipo de relações os jardins constroem, que mundos os jardins fazem florescer e os considera como lugares pungentes para investigações antropológicas.

No livro *A visão das plantas* (2021), de Djaimilia de Almeida, podemos acompanhar como o protagonista do romance, Celestino, vive esses movimentos de intimidade com as plantas em um jardim. Um homem violento, colonizador, escravizador, desumano, considerado por muitos o Diabo na Terra, capaz de destruir tudo à volta, inclusive os bordados feitos pelas mulheres de sua família, que é arrastado ao final da vida pelas plantas para uma intensa dedicação ao jardim.

Todos os vizinhos humanos de Celestino tinham curiosidade por saber mais e querem julgar o seu passado aterrorizador, mas as plantas só se interessavam que o homem se engajasse em seus cuidados. As plantas do jardim emergem como costureiras cósmicas atemporais, que não compreendem o significado da moralidade, que não têm interesse em alinhar tal conceito demasiado humano na relação com o capitão. Para elas, “tanto lhes fazia serem cuidadas por um assassino...” (Pereira, 2021, p.35). Elas não o julgam, observam-no, aproximam-se sempre mais e mais, vão tomando conta do espaço, das paredes, da casa, do corpo de Celestino, da sua história. Elas impõem ao capitão um tempo presente que explode em diferenças em relação ao passado, na força com que elas ocupam sua vida sem pedir licença, obrigando-o a cotornar-se ao dar atenção a cada gesto delas. Na escrita de Djaimilia percebemos o que pode ser um exercício de retirada do



Humano do protagonismo da escrita e a experimentação de uma escrita desde a perspectiva, a visão, das plantas. Pimenteira, roseiral, cajueiro, ervas daninhas, hera, araucária, limoeiro, cravo, tanta diversidade naquele jardim costumavam em Celestino movimentos vivíveis, todas na sua maneira se tornam “espécies companheiras” do capitão, como aprendemos com Donna Haraway (2021). Durante todo o livro, enquanto Celestino se envolve com o jardim, ele já não mata, nem escraviza, as plantas convocavam nele uma vontade incontrolável de se comunicar, de contar histórias, de se relacionar com as crianças... Entre Djaimilia Pereira e Natasha Myers, podemos pensar com o romance em um deslocamento do Antropoceno para o Plantroposceno, um tempo em que não se mantêm intactas as suposições ocidentais que colocaram os humanos contra os não humanos, perpetuando as divisões entre naturezas e culturas.

É também um movimento vegetalizar o nosso sensorio humano demais que artistas, pesquisadores, educadores e pessoas da comunidade indígena tupi-guarani da aldeia Awa Porungawa Dju vivenciaram no livro-objeto *Experiências de arvorecer* (Dias, Vilela, 2021). Um livro-floresta escrito, cantado, dançado, desenhado, meditado e bordado durante a pandemia com multimateriais: vegetais, grafismos indígenas, fotografias, poesias, haicais, quadrinhas, diagramas, impressões botânicas, prescrições científicas.

Nenhuma parte do corpo escapa da experiência de arvorecer que o livro se propõe a fazer. “Pedimos licença para entrar na floresta”, assim começa e mobiliza todos os sentidos em sua prática de escrever, ler e pensar com a floresta. A dimensão tátil tem muita força devido ao modo como lida com as texturas de plantas, bordados, corpos, desenhos e fotografias. A escrita e a leitura do livro atende ao chamado de Natasha Myers (2017) para reativarmos a conexão com as plantas e ao pedido de Donna Haraway (2021) de estabelecer relações-criações com espécies companheiras. O livro pode ser entendido como uma invenção afirmativa do Plantroposceno, numa tentativa para escapar do Antropoceno e desbordá-lo.

Arvorecer é acessar a nossa parte planta, dando atenção à participação dos vegetais em nossas vidas, histórias, memórias, sonhos. O livro faz isso ao entrar em relação com o modo como as plantas participam da vida da aldeia e da vida de artistas e pesquisadores convidados. Nesse movimento, apresenta diferentes afetos que as plantas mobilizam em cada um deles e em nós: beleza, cura, alimento, amizade, amor, proteção, aprendizado, ancestralidade, desejo...

A experiência de fazer floresta, com todos os afetos que ela desperta, só pode ser completa e sensorial se houver simbiose entre heterogêneos. No livro, vemos humanos e plantas se



conectarem e misturarem de modos impensados em colagens digitais que juntam bordados e fotografias. As colagens colocam o bordado em um lugar menos humano e mais vegetal, levando-nos a perceber que as plantas bordam mundos feitos com muitos. Tocamos performances que reúnem corpos, cabelos, raízes, escritas, folhas, galhos. Escutamos o entrelaçar entre diferentes linguagens e materialidades. Respiramos uma atmosfera da mistura, em que diagramas didáticos, classificações científicas, prescrições de uso e fotomicrografias, convivem com bordados, músicas, brincadeiras, pinturas botânicas e teatro de bonecos. Tudo isso tem a ver com a prática da fabulação na escrita (Haraway, 2016), tão necessária para a tentativa de escape ao Antropoceno quanto para a imersão no Plantroposceno.

—

Coloquei a galocha ainda úmida da última chuva, segui a trilha até o berçário de mudas, aos pés de um enorme pau ferro haviam bebês amoreiras, pitangueiras, abacateiros, palmeiras, jatobás e uma porção de algodoiros, semeados antes da temporada das águas. Peguei todas as mudas de algodão que couberam em minhas mãos, cinco! Caminhei até a terra preparada e em honra me ajoelhei para plantar. Há muito já havia pensado sobre o gesto de plantar, plantar e rezar são sinônimos para mim. O silêncio preenchido pelo piar dos sabiás, bem-te-vi, trinca ferro, sanhaço, pica-pau e tucano compunha o diálogo mudo entre mim e as mudas. Com a pá na mão cavo buraco, retiro o pequeno algodoiro do saquinho preto, junto à terra vieram galhinhos, pedrinhas e minhoca, o acomodei na cova e o cobri de terra, como se estivesse cobrindo o bebê no berço. Gestos em repetição, compasso de ação. Com as plantas nas mãos podia ver a muda, o arbusto, o algodão, fio futuro de uma linha invisível de corpo fibroso, imagino movimentos, carda, nuvens, fuso e novelo. Um novo elo feito de terra, planta, sopro, mãos, suor e orvalho.

—

Me lembro como se fosse hoje. Era 22 de novembro de 2018. Era um dia não muito bom, o cansaço e o desânimo me consumiam. Era quarta-feira de manhã, o sol brilhava com toda a sua força. Como um dia qualquer, depois de um período longe, estava indo para o trabalho. O local ficava dentro de uma universidade, mas em um lugar afastado. Procurava sempre admirar o trajeto, passava por uma rua, que por conta das árvores, parecia um túnel. Mais a frente, passava por uma ponte com um riacho abaixo, que continha um belíssimo som, belíssimas pedras e vegetação. Passava, também, por uma estrada, que em seu lado esquerdo, tinha um pasto enorme, quase sempre com apenas gramíneas. Eu amava aquele trajeto, mas naquele momento, estava lamentando o dia antes



mesmo de começá-lo. Até que eu observei algo diferente. No pasto, que geralmente só tinha gramíneas, naquele dia, tinha girassóis. Eu estacionei o carro e fiquei admirada com o que estava diante dos meus olhos. Girassóis. Foi a primeira vez que eu vi um lugar cheio das plantas que eu tanto admirava. Caminhei entre os girassóis que tinham o dobro da minha altura. Observei cada detalhe, cada cor, cada textura. Observei a interação dos girassóis com os insetos e pequenos invertebrados. Parecia um sonho. Parecia que eu caminhava no meio de uma pintura de Van Gogh. É belíssimo o movimento dos girassóis em busca da luminosidade, acompanhando o sol como as agulhas de um relógio. Mas ao anoitecer, fazem todo o movimento ao contrário para esperar novamente pelo sol, na manhã seguinte. Uma planta grande e forte, mas ao mesmo tempo frágil, como um verdadeiro símbolo feminino. Em seu curto espaço de tempo, alcançam a maturidade, servem de abrigo, de alimento. Um ciclo curto, mas belo. Como todo ciclo da vida.

Das linhas lançadas pelas plantas...

Fiamos lentamente este texto entre várias mãos femininas e pés de diversas plantas. Buscamos experimentar as plantas como companhias de escrita diante de um tempo marcado por destruições de todos os tipos: o Antropoceno. Para isso, nos aliamos ao conceito de “espécies companheiras” de Donna Haraway e ensaiamos pensar o que há de vegetal nos materiais de pesquisa: em estudos filosóficos, históricos e antropológicos com o Antropoceno e as plantas, no filme *Desterro*, no romance *A visão das plantas* e no livro-objeto *Experiências de Arvorecer*. Nesses movimentos, as plantas nos convocaram a multiplicar os sentidos do Antropoceno e perceber o que pode o gesto de nomear; nos pediram para tecer relações entre escrita, plantas e trabalhos manuais com as linhas; nos fizeram interrogar as lógicas monoculturais e antropocêntricas dominantes na escrita, marcadas pela representação e pelo julgamento; nos convidaram a experimentar um novo tempo, o Plantroposceno, em que abrimos a escrita a uma ecologia de devires promovidas pelas plantas e percebemos o “nós” como potência multiespécie, como floresta; e, por fim, nos chamaram a tecer histórias com as plantas e a sentir suas presenças, parentescos e participações em nossas vidas diárias. Sentimos que as plantas nos fizeram exercitar modos como a escrita pode acolher uma dimensão do feminino capaz de fabular e abraçar novamente a diversidade apagada pelo Antropoceno. Exercícios que, certamente, não terminam por aqui...

Agradecimentos



Este artigo é um produto do projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq 465501/2014-1, FAPESP 2014/50848-9 e a CAPES 16/2014. É, também, parte da pesquisa de pós-doutorado “Perceber-fazer floresta: do chamado a pensar o que pode a matéria papel diante do Antropoceno”, de Susana Dias, que foi realizada sob supervisão de Maria dos Remédios de Brito, na linha de pesquisa Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes, no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Bibliografia

CHAKRABARTY, D. **O clima da história: quatro teses**. Sopro, 2009.

COCCIA, E. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, E. *A virada vegetal*. n. 1, 2018.

DIAS, S., VILELA, M. *Experiências de arvorecer*. Campinas, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/experiencias-de-arvo-recer/> Acesso em: março de 2022.

FAUSTO, J. *Os desaparecidos do Antropoceno. The Thousand Names Of Gaia: From the Anthropocene to the age of the Earth*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2014.

HARAWAY, D. *Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes*. *ClimaCom*, v. 3, p. 139-148, 2016.

HARAWAY, D. *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

HARAWAY, D. *Seguir con el problema: Generar parentesco en el Chthuluceno*. Consonni, 2020.

MYERS, N. *From the Anthropocene to the Planthroposcene: Designing gardens for plant/people involution. History and Anthropology*, v. 28, n. 3, pp. 297-301, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02757206.2017.1289934?scroll=top&needAccess=true> Acesso em: março de 2022.

MYERS, N. *How to grow liveable worlds: Ten (not-so-easy) steps for life in the Planthroposcene*. *ABC Religion & Ethics*, 2021. Disponível em <https://www.abc.net.au/religion/natasha-myers-how-to-grow-liveable-worlds:-ten-not-so-easy-step/11906548>. Acesso em: março de 2022.

PEREIRA, D. *A visão das plantas*. São Paulo: Todavia, 2021.

VILELA, M. *Desterro*. 2021. Disponível em <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/desterro-mariana-vilela/>. Acesso em: março de 2022. Acesso em: março de 2022.



WEISMAN, A. O mundo sem nós. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

XAKRIABÁ, C., GUAJAJARA, S. Luta Ancestral com Célia Xakriabá e Sônia Guajajara. São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.facebook.com/GuajajaraSonia/videos/924841818027378>. Acesso em: abril de 2022.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Mestre e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professora no Mestrado em Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor-Unicamp). Email: susana@unicamp.br

[2] Jornalista e Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-Unicamp). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com

[3] Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Unicamp. Email: larissa.sbellini@gmail.com

[4] Graduada em Letras pela Faculdade de São Bernardo e Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-Unicamp) Email: m168289@dac.unicamp.br

[5] Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Unicamp. Email: r260883@dac.unicamp.br

[6] Graduanda em Letras pela Unicamp. Email: p258550@dac.unicamp.br

[7] Graduada em Turismo pela Uniso Sorocaba e Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Labjor- Unicamp). Email: milenabachir1@gmail.com

[8] Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista e Mestranda em Divulgação Científica e Cultural (Labjor-Unicamp). Email: nataliaz.aranha@gmail.com

[9] Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo e Mestra em Moda, Cultura e Arte pelo Centro Universitário Senac. Email: salles.joana@gmail.com